



Marcha das Vadias: análise da construção noticiosa empreendida pelos jornais *Zero Hora* e *Sul 21*

*Andréa Ortis*¹

*Gabriela Assmann*²

*Laura Dias da Costa Dutra*³

*Patrícia Koefender*⁴

*Patrícia Michelotti*⁵

*Paula Purper Arruda*⁶

*Rejane de Oliveira Pozobon*⁷

Resumo

Este artigo se propõe a analisar os conteúdos propostos pelo Jornal Zero Hora e Sul 21 na cobertura da Marcha das vadias, realizada no dia 26 de maio de 2012, na cidade de Porto Alegre. Observou-se que Zero Hora seleciona conteúdos que ficam restritos à esfera informativa, não problematizando a questão. O Sul 21, por sua vez, aprofunda algumas questões relacionadas ao movimento, mas não utiliza o recurso das fontes para trazer uma pluralidade de olhares à construção noticiosa.

Palavras-chave: *Marcha das Vadias; Construção Noticiosa; Jornal Zero Hora; Jornal Sul 21.*

¹ Acadêmica do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

³ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

⁴ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

⁵ Acadêmica do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

⁶ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

⁷ Doutora em Ciências da Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (UFSM/CNPq).

Considerações iniciais

Este texto é fruto de discussões empreendidas nos encontros do Grupo de Pesquisa *Comunicação e Política* (UFSM/CNPq). Tendo em vista que um dos objetivos do grupo é analisar a construção noticiosa e os enquadramentos propostos pela instância midiática no que tange a publicização de temas e movimentos políticos, optamos por observar como dois jornais com políticas editoriais bastante distintas noticiaram a Marcha das vadias na cidade de Porto Alegre.

A Marcha surgiu no Canadá, a partir de um protesto realizado em abril de 2011. A partir daí, se internacionalizou e vem sendo realizada em diversos países. A Marcha protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro pediram isso devido as suas vestimentas. O nome do movimento foi inspirado na observação feita por um policial de Toronto, que solicitou que as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas de estupro.

Embora os movimentos sociais tenham se tornado um tema amplamente discutido nos últimos anos seu surgimento ocorre muito antes. Arato e Cohen *apud* Downing (2002) realizam uma classificação do uso da terminologia movimento social em três momentos: o modelo mais antigo, no qual o termo refere-se “[...] à rebelião das massas, à multidão em tumulto, agindo de maneira cega e insensata [...]” (DOWNING 2002:56), visão que partia dos *observadores* da Revolução Francesa e dos levantes operários. O segundo momento, em oposição à ideia do primeiro, são os movimentos sociais racionais, através de ações coletivas pensadas como forma alternativa ao acesso político, como greves, passeatas, ocupações... promovidas por agentes privados de riquezas e de poder estatal. O terceiro, e último, modelo da classificação de Arato e Cohen remete aos Novos Movimentos Sociais (NMSs), surgidos a partir de estudos acadêmicos, e defendidos por alguns autores como um “novo estágio qualitativo na cultura política econômica” (DOWNING, 2002:56). Estes NMSs objetivam um ganho social mais amplo do que seus antecessores do primeiro e segundo momento, que visavam benefícios mais específicos. Exemplos destes NMSs são os movimentos ecológicos, pacifistas e feministas.

Este novo modelo de movimento é chamado por Touraine (2003) de movimento societal, caracterizando-se por combinar conflitos sociais com projetos culturais, defendendo uma utilização diferente dos valores morais. Dessa forma, lutam, não por um modelo de sociedade perfeita, mas sim pela democratização das relações sociais.

As novas contestações sociais não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito a livre expressão ou a livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais (TOURAINÉ, 1998:262).

Para o autor, os movimentos não se restringem a um sujeito, mas a uma coletividade que naquela situação se vê conectada por interesses e oportunidades comuns. A adesão a esta coletividade se dá através de um processo de identificação, não mais de pertencimento a uma classe. Assim, os movimentos sociais tematizam questões de gênero, orientação sexuais e étnicas, que antes eram restritas a esfera privada, e agora se tornam parte das questões que querem ver significadas frente à sociedade (Touraine, 2003 e Prudencio, 2003).

A mídia é importante para os movimentos sociais por ser um espaço para a divulgação de informações e de ideias, buscando o convencimento da sociedade sobre a importância e a legitimidade de suas ações. Isso porque a mídia “caracteriza-se como campo autônomo e influente nas formas de visibilidade pública dos outros campos sociais” (PRUDÊNCIO, s/d, 4), realizando o que Sodré (apud PRUDÊNCIO s/d, p.4) aborda como uma “identificação absoluta entre ver e crer”, tornando a mídia uma tecnologia produtora do real. Para buscar a legitimação frente à sociedade os movimentos sociais precisam conquistar espaço de inserção na mídia,

[...] as modalidades de ação e intervenção de atores e movimentos sociais na sociedade passam, portanto, a construir-se cada vez mais tensionadas pela exigência de um tipo de visibilidade pública atribuída pela lógica meios de comunicação ao mesmo tempo em que também esses atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera das mídias em um espaço simbólico de conflitos, disputas e negociações e que se encontra, portanto, submetido permanentemente às tensões contraditórias dos interesses que circulam na sociedade (COGO, s/d. 4).

Devido à dificuldade de inserção de suas pautas na mídia hegemônica os NMSs tendem a encontrar visibilidade através de canais alternativos de comunicação ou manifestações públicas. É o caso da Marcha das vadias, que mobilizou uma gama significativa de pessoas, levou homens e mulheres às ruas para protestar e ganhou relativa visibilidade na instância midiática.

De posse deste contexto e visando alcançar os objetivos propostos neste artigo, recorreremos à análise de conteúdo e realizamos uma categorização ancorada nas principais adjetivações atribuídas ao movimento.

Proposta metodológica

A análise de conteúdo é um método das ciências sociais e humanas que se destina a investigar fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. A adoção regular deste método passou a ocorrer no início do século XX, estando a serviço de vários campos de conhecimento.

Por ser derivado do positivismo, corrente de pensamento cuja principal característica é a valorização das ciências exatas, a análise de conteúdo era um método que fazia somente análises quantitativas. Hoje, após muitas críticas, a análise de conteúdo incorporou a inferência e tornou-se um método híbrido, que reúne elementos qualitativos e quantitativos, reforçando-se e voltando a ser bastante utilizado em pesquisas, especialmente as da área da comunicação.

A inferência passa então a ser valorizada. Na análise de conteúdo ela é considerada uma operação lógica que se destina a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes das mensagens analisadas. Trabalha-se com índices postos em evidência para inferir conhecimentos sobre o emissor ou o destinatário da comunicação. Estes índices são as categorias de análise.

Segundo Bardin apud Herscovitz (2007) o método se estrutura em cinco etapas. A primeira etapa é a organização da análise. Esta etapa envolve a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, ou seja, é a constituição do corpus. Os documentos analisados neste artigo foram duas matérias sobre a Marcha das Vadias de Porto Alegre, sendo uma publicada no Sul 21 e a outra no Zero Hora.

O jornal Zero Hora é um veículo do Grupo RBS, o maior conglomerado de comunicação da região Sul do Brasil, que possui jornais, canais de televisão, rádios dentre outros. O impresso foi fundado em 4 de maio de 1964, num momento histórico politicamente conturbado - ditadura militar. Sua produção se manteve artesanalmente por 24 anos, somente em 1988 passou a ser padrão e em 1996 a sua produção passou a ser totalmente digital. Hoje, Zero Hora se constitui como o impresso mais lido no estado⁸, possui cerca de 1.482.800 leitores, número que corresponde a 42,1% das pessoas que possuem o hábito de ler e, portanto, optam pela ZH. Nesse sentido, é pertinente estudá-lo e

⁸ Dados segundo o jornal A Platéia na edição de 17 de dezembro de 2012, disponível em: <http://www.aplateia.com.br/ranking.dos.jornais.rs.php?=home.Ranking>.

conhecer seu conteúdo, responsável então, por quase metade das leituras de impresso no Rio Grande do Sul, levando conhecimento e contribuindo para a formação de opinião.

Optamos também pelo Sul 21 por ser um veículo alternativo, com a ideia de fazer um contraponto à Zero Hora. O Sul 21 é veiculado exclusivamente na internet, baseado nas novas mídias colaborativas, e, segundo o próprio veículo, em sua ideologia está o compromisso com a democracia e com a honestidade, estando preocupado com questões relevantes para um bom desenvolvimento da sociedade. Se propõe a sempre buscar a verdade, a qualidade da informação, o rigor na análise e uma postura crítica frente às desigualdades, tendo um olhar crítico em relação aos significados trabalhados pela mídia tradicional. Procura dar voz a uma pluralidade de fontes e garantir a todos o direito de darem sua versão e opinião diante dos fatos.

O segundo passo da análise de conteúdo é o da codificação. O pesquisador deve definir as unidades de registro e de contexto, além de escolher as regras de enumeração. No caso desta análise, as unidades de registro foram palavras (expressões/adjetivações). Já as unidades de contexto foram dadas pelo momento em que a postagem foi feita, o que fica explicitado a seguir em nossa análise. A enumeração se deu com base na análise da frequência proposta por Krippendorff apud Herscovitz (2007). Foi verificada a frequência com que cada categoria pré-estabelecida apareceu nas matérias selecionadas.

No passo da categorização, estabelecemos três categorias nas quais posteriormente inserimos os dados coletados. Estas categorias partiram do referencial teórico estudado e de uma leitura exploratória dos documentos analisados. As categorias são: Movimento (ideia de “mobilização”), Direito (ideia de “liberdade”), Repressão (ideia de “discriminação”).

Após estes três passos chega a hora de inferir sobre os dados coletados e categorizados. Trabalhamos principalmente com inferências específicas, ou seja, vinculadas diretamente à situação do problema investigado. Este momento é crucial para a análise, pois nos permite compreender o significado do que foi coletado e permite que a análise não se resuma a uma descrição do que foi encontrado.

Por fim, segundo Herscovitz (2007), a última fase é a do tratamento informático, momento no qual os dados serão analisados por softwares específicos. No caso deste artigo não foi necessária a realização deste passo, visto que o volume de dados coletados não foi tão grande, possibilitando assim a análise sem softwares.

A partir desta explicação sobre o percurso metodológico empreendido apresentaremos a análise e os resultados dela.

Análise da construção proposta por Zero Hora e Sul 21

Categorias	Expressões
Movimento	Protesto; Movimento; Marcha; “Precisamos nos manifestar”; Movimento de gênero; Feminista
Direito	Direito de fazer aborto; “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”; Liberdade sexual; Luta por igualdade; “Direito de usar a roupa que eu quiser sem sofrer represálias nem abusos”; “Quero poder voltar para casa sozinha sem correr o risco de ser violentada”; “Queremos autonomia sobre o próprio corpo”
Repressão	Violência contra a mulher; Discriminação; “Diferenças com que as mulheres são tratadas”; Machismo; Opressão de gênero; “Escutar que fui eu que não tomei os devidos cuidados”; Abusos; Violentada

Tabela 1. Análise da notícia “Pelo fim da discriminação Marcha das Vadias reúne homens e mulheres na capital”, publicada pelo Jornal Zero Hora em 27 de maio de 2012.

Na notícia do jornal Zero Hora a categoria “Movimento” aparece para dar a ideia de protesto e está atrelada a um grupo específico. Ainda que enfatizem a participação de homens na marcha, deixam claro que estes homens são integrantes de movimentos de gênero e que o movimento é feminista. Busca-se qualificar a manifestação.

A categoria “Direito” aparece, sobretudo, nas falas das fontes. Embora a repórter traga em alguns momentos quais são os anseios do movimento e o que eles buscam, dando a ideia de quais direitos e liberdades pretendem alcançar, são as fontes – todas ligadas ao movimento – que enfatizam quais são esses direitos. Esta categoria aparece exclusivamente ligada aos direitos que são negados às mulheres e que o movimento pretende conquistar.

A categoria “Repressão” aparece ligada às discriminações sofridas pelas mulheres e a opressão de um gênero sobre o outro. É interessante observar que embora essa opressão seja enfatizada na notícia, o próprio jornal dá destaque a participação dos homens na Marcha, sem manifestar, em momento algum, que esta é uma luta que deve ser da

sociedade inteira, inclusive dos homens. O tom dá a impressão de que a participação dos homens é uma conquista, sendo mais importante do que a das mulheres.

Categorias	Expressões
Movimento	Marcharam e/ou marcham; Dia de luta; Manifestações; Ativistas
Direito	Liberdade de expressão e manifestação de crenças, opiniões, valores e direitos; Mudanças na legislação; Regulamentação; Supremo Tribunal Federal; Direito ao aborto legal e seguro; Interferência dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário nos direitos reprodutivos das mulheres; Homens que se acham no direito de estuprar
Repressão	Feminicídio; Sexismo; Machismo; Discriminação de gênero; Culpa e vergonha; Medo; Homicídio de mulheres; Condições desumanas; Criminalizadas; Levadas à morte; Perseguição do Estado; “estupro corretivo”; Repressão da sexualidade; Escandaliza

Tabela 2. Análise da notícia “Veja as Marchas da Maconha e das Vadias de Porto Alegre”, publicada pelo Jornal Sul 21 em 28 de maio de 2012.

Como podemos perceber a categoria “Direito” aparece de duas formas distintas na notícia. A primeira é referente a dispositivos jurídicos, como o STF, e a leis e está mais ligada à Marcha da Maconha, devido ao fato que a Marcha da Maconha havia sido proibida primeiramente, para depois ser liberada pelo STF. Já o segundo sentido está mais ligado à liberdade, a possibilidade de decidir sobre o próprio corpo e à liberdade de expressão. Esta categoria só aparece com sentido negativo uma vez, quando fala de homens que se acham no direito de estuprar mulheres lésbicas para curar o que consideram um desvio na sexualidade delas.

Já a categoria de repressão vem sempre acompanhada do sentido de discriminação, principalmente atrelado ao machismo. Se no jornal Zero Hora as expressões são mais generalistas como “violência contra a mulher”, no Sul 21 muitas vezes esta categoria está evidenciada em expressões como “feminicídio”, “levadas à morte” e “estupro corretivo”. Estas expressões utilizadas pelo Sul 21 procuram dar ideia da magnitude do problema e acabam por legitimar o movimento, ainda que indiretamente.

A categoria que menos aparece no Sul 21 é a categoria “Movimento”, que dá a ideia de manifestação. Estas expressões aparecem quando querem mostrar que as pessoas estão mobilizadas, que estão lutando por uma sociedade melhor e que a causa é justa.

Além desta análise de conteúdo também coletamos alguns dados adicionais que nos permitiram fazer algumas inferências sobre as notícias. Estes dados são explicitados nas tabelas a seguir.

“Pelo fim da discriminação – Marcha das vadias reúne homens e mulheres na capital”, publicada em Zero Hora no dia 27 de maio de 2012.		
() cobertura por fotografias (X) notícia () artigo de opinião		
Linguagem do Texto () formal (X) informal	Quanto ao tamanho () breve (de 1 a 15 linhas) (X) média (de 15 a 30 linhas) () longa (mais de 30 linhas)	Possui fotos (X) sim () não
Editoria () cultura e lazer () economia () ZH esportes (X) geral () mundo () policia () política () vida e estilo () opinião () do leitor	Interação (X) possui comentários () não possui comentários	
	Número de comentários: 12	
	A Reportagem foi para as redes sociais: (X) sim () não () não se sabe	
Twitter: 29 Facebook: 332 Google + : 3 Outras: não se sabe	Palavras mais evidenciadas no texto: marcha, movimento, igualdade.	

Tabela 3. Elaborada pelas autoras.

A matéria produzida pela repórter Lara Ely tem o objetivo de informar a comunidade porto-alegrense sobre o que é a Marcha das Vadias, o porquê das mulheres lutarem por autonomia, juntamente com homens. Chama atenção a falta de um posicionamento mais evidente do jornal.

Uma marca interessante do texto é a presença do gênero masculino na notícia, como explicita o trecho “Dado curioso é que a marcha também contou com a presença de homens, muitos deles integrantes do movimento de gênero”. Cabe destacar que o tom é como se estivessem exaltando os homens por participarem da Marcha, mas sem enfatizar que na verdade esta deve ser necessariamente uma luta de toda sociedade, não só das mulheres. Ainda cabe destacar que no título a autora cita a palavra homens ao invés de mulheres primeiro.

Ressaltamos ainda que não são mencionadas informações que levem o leitor a conhecer uma forma de participar do movimento como dados dos grupos, suas reuniões ou futuros engajamentos ou manifestações. São citadas três fontes na matéria. As três possuem uma relação direta com a Marcha das Vadias.

No jornalismo, há diversos tipos de fontes. Segundo Schmitz (2011), as fontes podem ser classificadas nas categorias primárias - que fornecem a essência de uma matéria; geralmente são dados revelados em primeira mão -, e secundárias - produzidas a partir de uma fonte primária. Dentro das categorias, há os grupos, que são divididos em fontes oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais, especializadas e referenciais. Nas matérias referentes à Marcha das Vadias, o tipo de fontes utilizadas são as testemunhais. Para Schmitz,

Funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora. Desempenha o papel de “portadora da verdade”, desde que relate exatamente o ocorrido, a menos que seja manipulada, daí deixa de ser testemunha. Geralmente não se suspeita que esse tipo de fonte oculte os fatos, pois é considerada independente, mesmo que não relate exata e fielmente o ocorrido. (SCHMITZ, 2011: 26).

As fontes, especialmente as de tipo testemunhal, reforçam os efeitos de realidade pela interpelação de sua experiência. O testemunho se dá quando:

a declaração emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de um certo fato. Quase sempre se trata de um homo quotidianus, mas qualquer que seja a identidade do locutor, trata-se de uma palavra testemunhal. A instância midiática parece ganhar em credibilidade: a declaração relatada se reveste de um caráter de veracidade por ter como única finalidade descrever a realidade tal como foi vista e ouvida [...]. (CHARAUDEAU, 2006: 169)

Análise 2: “Veja as Marchas da Maconha e das Vadias de Porto Alegre”, publicada no Jornal Sul 21 em 28 de maio de 2012.		
() cobertura por fotografias (X) notícia () artigo de opinião		
Linguagem do Texto () formal (X) informal	Quanto ao tamanho (X) breve (de 1 a 15 linhas) () média (de 15 a 30 linhas) () longa (mais de 30 linhas)	Possui fotos (X) sim () não
Linha Editorial () cultura e lazer () economia () ZH esportes (X) geral () mundo () policia () política () vida e estilo () opinião () galeria de fotos () do leitor	Interação (X) possui comentários () não possui comentários	
	Número de comentários: 29	
	A Reportagem foi para as redes sociais: (X) sim () não () não se sabe	
Twitter: 0 Facebook: 2 Google + : 0 Outras: não se sabe	Palavras mais evidenciadas no texto: marcha, movimento, manifestação	

A notícia tem foco nas fotos, como já diz o próprio título: “Veja como foi as Marchas da Maconha e das Vadias em Porto Alegre”. São 11 fotos da Marcha das Vadias e 5 da Marcha da Maconha.

É interessante observar que as legendas das fotos possuem bastante informações a respeito das Marchas e das causas defendidas por cada movimento, buscando fugir da superficialidade que uma matéria somente com fotos poderia trazer.

Quando a notícia fala sobre a participação dos homens na Marcha das Vadias, ela não dá destaque aos homens, mas afirma que é importante a participação deles porque essa é uma causa que não pode ser só das mulheres, mas sim da sociedade inteira.

Assim como na Zero Hora não são mencionadas formas de se engajar nos coletivos que organizaram cada uma das Marchas e nem informações mais aprofundadas destes.

Além disso, nenhuma fonte é chamada a falar, de maneira que a notícia se resume às fotos e as informações dadas pelo próprio Sul 21.

Considerações finais

Na apresentação do livro *Mídia Radical* de John Downing, Arlindo Machado ressalta o poder de agendamento da mídia sobre os assuntos da sociedade:

Em se tratando de discussão sobre mídias, parece-me que, no Brasil, são as próprias mídias hegemônicas que colocam os temas para o debate público. Jornais e televisão, principalmente, ditam as questões que em seguida serão discutidas não apenas nos lares, bares e escritórios, mas também nos ambientes intelectuais, nas salas de aula, nas publicações e revistas especializadas (DOWNING 2008:10).

Na tentativa de burlar os filtros dos meios de comunicação tradicionais, os movimentos sociais realizam atos que, por gerarem grande visibilidade na sociedade, acabam se transformando em notícias. Mesmo sem atender aos interesses da mídia hegemônica, por pressão da sociedade que enxerga neste acontecimento a presença do interesse público, acabam sendo noticiadas. Este é o caso da Marcha das Vadias, analisada no presente artigo.

Bourdieu (1997:40), entretanto, salienta que, por ser baseada no fator tempo, a prática jornalística não favorece o pensar. A incapacidade de fazer reflexões mais aprofundadas em um curto espaço de tempo faz com que os jornalistas optem por “ideias feitas”, o que facilita o processo de recepção, mas, por outro lado, inibe uma construção mais aprofundada. Na mesma linha, Alsina (2001:75) afirma que “el propio trabajo periodístico tiene un tiempo de producción rápido que no siempre permite una autoreflexión y una autocrítica sobre el propio discurso”.

Isso talvez explique porque os jornais em estudo se detenham mais na cobertura de acontecimentos do que problemáticas. Traquina (2005:111) afirma que “o ritmo do trabalho jornalístico exige uma ênfase sobre acontecimentos e não sobre problemáticas”. Segundo o autor, os acontecimentos estão encerrados na “teia da facticidade” do tradicional *lead* noticioso (quem? o quê? quando? onde? como? porquê?). Já as

problemáticas exigem um poder de resposta por parte do campo jornalístico, exigem meios para fazer a cobertura de algo não definido no espaço nem no tempo. Percebemos assim que talvez ainda haja uma evolução necessária para que o noticiário impresso e digital com ênfase nos movimentos sociais possa vir a ser apropriadamente apontado como um jornalismo voltado a este tema.

Referências Bibliográficas

ALSINA, Miguel Rodrigo. *Teorias de la comunicación: âmbitos, métodos y perspectivas*. Valencia, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto: 2006.

COGO, Denise. *Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais*. S/D.

DI FELICE, Massimo (org). *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social*. 1ª ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo, SP: Editora Senac, 2002.

HERSCOVITZ, Heloisa G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Orgs.). *Metodologia da pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes. 2007. p. 123-142.

PRUDÊNCIO, Kelly Cristina De Souza. *Mídia e Movimentos Sociais Contemporâneos: a luta do sujeito pela construção do significado*. S/D

SCHMITZ, Aldo Antônio. *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005, vol. II.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.